O TEXTO TELEVISIVO E O LIVRO CRUZANDO CAMINHOS NA ESCOLA

Rosângela Pontes Carvalho Gomes
Especialização em Letras/ UEPB

1. Introdução

Atualmente, estudiosos preocupados com a situação de evasão nas escolas e com o ensino – aprendizagem da leitura e da escrita voltam seus olhares para pesquisas que sugerem uma redefinição do conceito que se tem de língua e de linguagem proporcionando, assim, uma revisão dos conceitos relativos à gramática, à produção textual e ao próprio ato de leitura.

Inserido neste contexto de inquietude, este trabalho nasceu pela necessidade de levar às crianças das classes não favorecidas o incentivo à leitura de livro infanto-juvenil, de forma interdisciplinar. No contexto das novas tecnologias, buscamos o interesse pela televisão como fator que pode resgatar o encantamento pela leitura: programas como o *Sítio do Pica Pau Amarelo* oferecem ao telespectador a palavra se movimentando no espaço e evoluindo no tempo, em cores e com som, para incentivar os alunos a refletir, a pensar, a agir e a ler, pois, através das imagens produzidas na tela, as possibilidades de leitura se ampliam. Como disse Machado (1996:169), "A mídia com a palavra tridimensionalmente trabalhada exige do homem grandes transformações no modo de pensar e agir".

Se há os que apontam vantagens no uso da tecnologia na sala de aula, há, também, os que não acreditam nessas vantagens. Tivemos, portanto, que enfrentar conceitos preestabelecidos, segundo os quais o avanço das tecnologias tem provocado a redução do hábito de leitura de livros. Entendemos que não podemos negar radicalmente as novas tecnologias, nem aceitá-las passivamente. Devemos, sim, demonstrar que o desenvolvimento das habilidades de leitura pode depender da interação que as ações pedagógicas proporcionam ao aluno, ao estabelecerem a relação entre o livro e a

mídia. Nesse sentido, o caráter interdisciplinar das atividades aqui relatadas pode constituir um desafio para despertar o interesse pela leitura do texto literário impresso.

2. Descrição da Experiência

A experiência de ensino aqui apresentada foi desenvolvida numa instituição não governamental, sem fins lucrativos (SEDE_ Sociedade de Estudos e Educação Espírita). Inicialmente, foram cadastradas quinze famílias carentes residentes em bairros circunvizinhos, que tinham crianças na faixa etária entre 06 e 07 anos de idade, matriculadas na escola.

Todas as famílias cadastradas foram visitadas pessoalmente, com o objetivo de verificar o contexto sócio-cultural-econômico que as envolvia. Em seguida, foi realizada uma entrevista com os pais para confirmar nossa observação quanto ao perfil de cada família. Quanto às crianças, fizemos uma sondagem a fim de inteirar-nos do nível cultural de cada aluno que iria participar das aulas. Tanto as crianças quanto suas famílias foram ajudadas com entregas de feiras, roupas e oficinas profissionalizantes oferecidas pela Instituição.

A experiência foi desenvolvida em fevereiro de 2002, e se fundamentou nas contribuições teórico-metodológicas de Braggio (1992), Smolka (1988) Soares (2000) e Machado (1996).

O principal objetivo do trabalho era desenvolver a leitura por prazer através do desenvolvimento de atividades com textos não-escolares. Para isso, selecionamos um episódio do *Sítio do Pica Pau Amarelo* – "As reinações de Narizinho" – para estabelecer a relação entre o programa de TV e o livro de Monteiro Lobato. Nessa experiência, desenvolvemos variadas atividades de dramatizações das histórias lidas, através de um trabalho interativo, professora e alunos, em que vivenciamos a junção da linguagem viva, em ação, permitindo a construção do dizer e do ser sujeito do seu dizer em textos coletivos. Enfim, incentivamos a leitura de livros de literatura infantil que o próprio episódio em questão sugeria. Exibimos o episódio "As reinações de Narizinho" em duas etapas para evitar fadigas, já que a fita tem a duração de 90min. No entanto, nos surpreendemos ao ouvir as reclamações dos alunos para que deixássemos o episódio ser concluído.

Após o transcorrer das primeiras aulas, observamos que a mediação individual dos alunos só poderia ser feita se nós ocupássemos a turma com atividades diversificadas. Para isso, a turma foi dividida em grupos que se revezavam nas propostas de atividades da sala: enquanto estávamos mediando um grupo nas atividades de escrita, os outros grupos estavam desenvolvendo atividades que não exigiam mediação direta. Descreveremos alguns encontros nos quais destacamos algumas atividades representativas do trabalho com leitura:

1. O canto das músicas do programa exibido: Sítio do Pica pau Amarelo.
2. A leitura, pela professora, das letras dessas músicas;
3. A busca de palavras-chave, pelos alunos, nas letras das músicas;
4. A divisão da turma em grupos para a realização de diversas atividades como: pintura dos personagens do sítio, dobraduras de animais de sítio, charadas com nomes dos personagens desse programa, palavras-cruzadas, ilustrações das letras trabalhadas em sala, construções de bonecos de pano;
5. Leitura dos livros de literatura infantil citados no episódio "As Reinações de Narizinho".

Nessa perspectiva de despertar para a leitura prazer, tomando como referência a relação Livro x Televisão, três passos foram realizados: a leitura dos livros de literatura infantil, a leitura oral de um texto produzido coletivamente pela turma e, por fim, a escrita de textos.

O primeiro passo foi marcado pelo círculo de leitura, quando foram distribuídos diversos livros infantis com os alunos para que escolhessem um para ler. Nessa atividade, os alunos fizeram uma leitura silenciosa. Cada um à sua maneira, apresentou o livro lido, mostrando a capa, contando o que pôde perceber da história através das imagens. Entre as histórias lidas estavam *Chapeuzinho Vermelho*, *Branca de Neve* e *Cinderela*. Pudemos observar que houve grande interesse dos alunos na escolha dos livros, na forma de manuseá-los, de ler as histórias e de contá-las para os colegas. Uma demonstração do interesse e desempenho dos alunos pode ser ilustrada com o episódio em que solicitamos um aluno a leitura do livro que havia escolhido, *Branca*

de Neve. Observando o desempenho desse aluno, averiguamos progressos na forma como passava as páginas e lia as imagens contando a história. Os alunos, nessa etapa do trabalho, sempre intervinham na história contada pelo colega, tentando mostrar que também conheciam a história.Vejamos abaixo a transcrição desse episódio de interação professora-aluno centrada na leitura:

P: Que estória é essa?
J: Branca de Neve
P: Ah! A estória de Branca de Neve...o que fala essa estória?
J: A malvada olhou pru espelho.
P: Olhou pru espelho!
J: Ai...apareceu isso aqui... e dissi qui Branca di Neve era a mais bunita.
P: A bruxa ficou zangada?...e ai...?
J: Ai ...mandou o príncipe pegar Branca de Neve.
P Virgem Maria!!! O príncipe?
J: O caçador.
P: Mas ele matou Branca de Neve?
J: Não, ele mandou ela fugir... ai.. ela encontrou uma casinha.
P: De quem é essa casinha?Vira a página pra você vê de quem é essa casinha.
J:Dus anãozinhos!!
P:Ah! Dus anãozinhos!
J:Depois ela tava desmaiada
P: Ela estava cansada, dormindo...não era "A"?
J: Depois deu um beijo nela ...ai passou...chegou a bruxa deu uma maça ...
P: Ela morreu com essa maçã?
J:Nnão ...ai veio o príncipe deu um beijo nela.

Esse desempenho na leitura oral partilhada, construída coletivamente, pode ser considerado como avanço no aprendizado dos alunos, quando se considera a história de leitura, a realidade social desses sujeitos.

A segunda atividade em que os alunos obtiveram bons resultados foi a leitura oral de um texto produzido coletivamente. Vejamos o desenvolvimento desses alunos quando decidimos levar a música do Saci. Nesse instante, um dos alunos propôs se fantasiar

de Saci e, assim, cantamos juntos essa música. Os outros alunos se encantaram com a carapuça e o cachimbo do Saci que eu tinha levado. Em seguida, cantamos acompanhando a letra. Essa interação inicial proporcionou um diálogo sobre a origem e as peripécias do Saci. Depois, indagamos aos alunos: "Se o Saci viesse na nossa salinha nos visitar, como ele agiria?". Partindo dessa indagação, obtivemos respostas que nos levaram à construção de um texto coletivo sobre as peripécias do Saci na sala de aula, o qual transcrevemos a seguir:

O Saci na nossa sala de aula

O Saci chegou na nossa sala de aula de repente e começou a bagunçar. Ele pegou as cadeiras e quebrou, pegou as mesas e colocou uma em cima da outra, pegou a câmera da professora Rosângela e fechou. Além disso, o saci fez muito barulho com uma marreta que pegou na sua carapuça.

Depois o saci olhou ao seu redor e disse:

– Ah! Que crianças bonitas! Vamos brincar de pular?.

– Vamos, a gente respondeu.

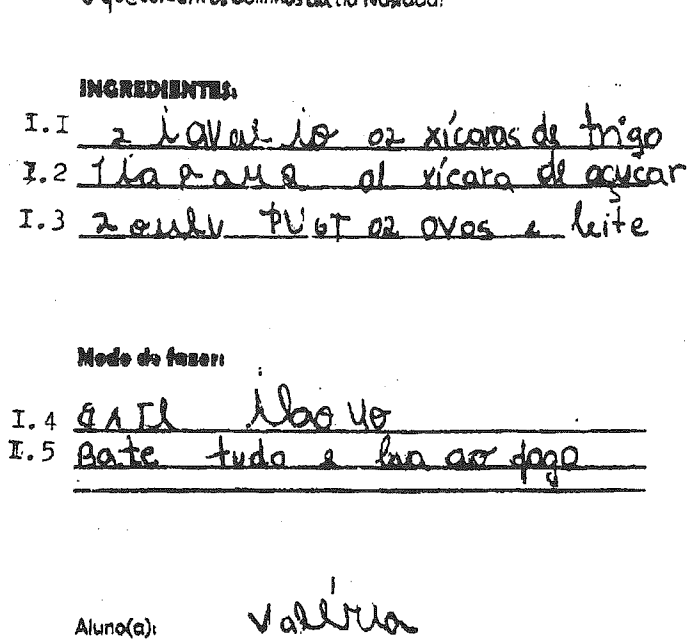
Todos brincaram, mas depois ficamos tristes, porque o Saci foi embora. (texto produzido coletivamente oralmente)

Percebemos, com a construção coletiva do texto, que os alunos conseguiram identificar a forma de diálogo presente na história dos livros de literatura infantil. Nesse processo, percebemos avanços quanto à estrutura da narrativa desse tipo de texto: usando linguagem extremamente coloquial, os alunos se manifestaram como sujeitos do seu próprio dizer. Ao final dessa etapa, lemos em coro o texto produzido.

A terceira atividade que surtiu bons resultados girou em torno do nome de um dos personagens do *Sítio do Pica Pau Amarelo*. No primeiro momento, fizemos uma charada para que os alunos desvendassem o nome da tia Nastácia, depois conversamos sobre a importância desse personagem no sítio e sobre as guloseimas que preparava. Esse episódio favoreceu a discussão sobre a vida social dos alunos e a dos personagens, destacando as

diferenças entre a vida real e a vida dos personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo. Depois desse diálogo, seguimos à cozinha, visando presenciar o preparo dos bolinhos de chuva da tia Nastácia pela cozinheira da instituição (SEDE), que colocava os ingredientes no liquidificador, de acordo com a leitura em coro da receita pela turma.

No segundo momento, retornamos à sala de aula, onde relembramos os ingredientes e o modo de fazer os bolinhos deliciosos da tia Nastácia. Lemos em voz alta a receita já escrita numa grande cartolina e, por fim, realizamos a atividade individual que consistiu na escrita da receita dos bolinhos de chuva pelos alunos. O exemplo transcrito a seguir evidencia o aprendizado da escrita em textos por Valéria:


O que contém os bolinhos da tia Nastácia?

INGREDIENTES:

I.1 2 lavadinho 02 xícaras de trigo
I.2 1 ia e aua 01 xícara de açucar
I.3 2 ouvo TU6T 02 ovos e leite

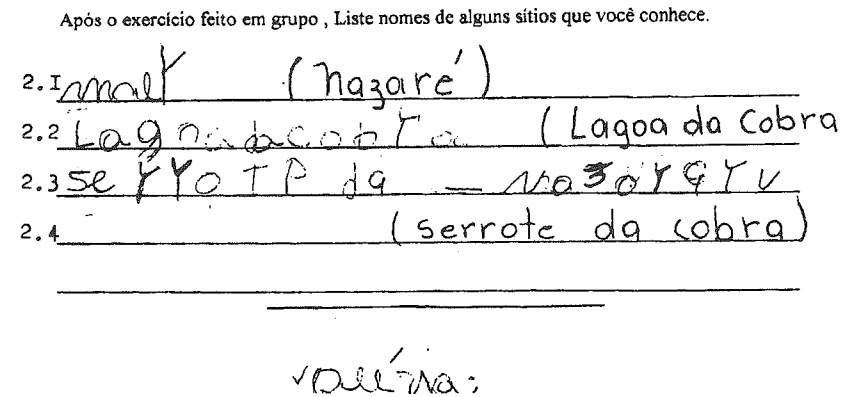
Modo de fazer:

I.4 GAIL Nao Uo
I.5 Bate tudo e bra ao fogo

Aluno(a): Valéria

Temos, na linha 1.2, a representação gráfica "iaa aua", que corresponde às sílabas das palavras "xícara de açúcar". Nesse momento, a aluna analisava as palavras e fazia correspondências entre a quantidade de sílaba e as vogais, de forma qualitativa. Além

disso, perdeu o medo de fazer tentativas durante a escrita, ou seja, no momento da atividade a aluna escrevia e logo, em seguida, fazia uma auto-correção repetindo em voz alta a palavra escrita. Observando ainda a evolução da aluna, percebemos que ela se encontrava no nível silábico, e não mais no pré-silábico, como demonstraram suas produções no início das aulas, quando recorria sempre ao uso de letras diversas, sem estabelecer a correspondência entre som/grafia, como atesta uma das suas primeiras atividades na sala de aula, transcrita a seguir:


Após o exercício feito em grupo , Liste nomes de alguns sítios que você conhece.

2.1 mal (Nazaré)
2.2 Lagnadacobra (Lagoa da Cobra
2.3 serrote da — Na3arqru
2.4 (serrote da cobra)

Valéria:

(figura 2)

No momento em que realizou esta atividade, observamos a preocupação da aluna em demonstrar que sabia escrever como a professora, e um grande medo por achar que estava fazendo a atividade de forma errada. A aluna tentou copiar da lista coletiva a reposta para a atividade. Contudo, não podemos caracterizar o desejo em copiar como uma limitação, mas como um avanço no reconhecimento do nosso sistema de escrita.

3. Considerações finais

As atividades analisadas ilustraram o dinamismo existente no desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita pelas crianças na sala de leitura.Observamos o percurso evolutivo no processo de descoberta dos alunos.E foram essas descobertas como a disposição para "ler", para produzir textos, para descobrir a escrita que apontaram para a importância de transformarmos a sala de aula em um ambiente letrado funcional, em que os alunos constroem o conhecimento a partir de suas próprias experiências.

Infelizmente, as escolas atuais se limitam a usar o texto como pré – texto, para a aquisição da linguagem, dificultando assim o prazer em ler.Nesse sentido, foi que decidimos buscar nas imagens tridimensionais da mídia o apoio para redimensionar os nossos conceitos de leitura, de produção textual e, ao mesmo tempo, resgatar a leitura prazer dos livros de literatura infantil.

REFERÊNCIAS

BRAGGIO,S.L.B. *Leitura e alfabetização:* da concepção mecanicista à sociopsicolinguística. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

MACHADO,Arlindo. *Máquina e imaginário*. São Paulo:Edusp, 1996

SOARES,Magda Becker. *Letramento:* um tema em três gêneros. Belo Horizonte:Autêntica,2000.

SMOLKA,Ana Luiza Bustamante. *A criança na fase inicial da escrita:* a alfabetização como processo discursivo. São Paulo: Cortez;Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.

NUNES, Socorro. *Ensino da ortografia:* uma prática interativa na sala de aula. Belo Horizonte: Formato, 2002; 158 pp.

Indicações de leitura

PINTO, Ziraldo Alves. *Menina Nina: Duas razões para não chorar.* São Paulo: Melhoramentos, 2002.

O livro *Menina Nina: Duas razões para não chorar*, texto e ilustração de Ziraldo, fala de personagens que o autor conhece e com quem conviveu. A familiaridade com a história revela, numa linguagem simples, descontraída e com momentos de ludicidade, a desenvoltura e delicadeza com que um tema difícil, a morte, pode ser tratado. Com belas ilustrações, diretamente dialogadas com o texto, a narrativa de Ziraldo é comovente e sensível. Através de uma representação simples dos fatos corriqueiros da vida de Nina e Vovó Vivi, o escritor proporciona uma leitura prazerosa, sem grandes exercícios de imaginação.

Sandrelle Rodrigues Costa

BARROS, Manoel de. *Poeminhas pescados numa fala de João.* Ilustrações de Ana Raquel. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

Poeminhas pescados numa fala de João, de Manoel de Barros, com ilustrações de Ana Raquel, é um livro de poesia ideal para crianças de todas as idades. Expressando-se por meio da linguagem da criança (onomatopéias, construções sintáticas peculiares), o eu-lírico deste imagético livro nos convida a conhecer João, um menino poeta que revela em seus gestos e atos de brincar com o rio, os peixes, o vento, o jacaré, a cobra, o seu conhecer profundo da poesia que há no cotidiano mais simples. Com ilustrações que em alguns momentos se assemelham aos desenhos de crianças, *Poeminhas pescados numa fala de João* une as imagens transmitidas pelas palavras às imagens reveladas nos desenhos.

Massillania Ferreira Gomes

ORTHOF, Sylvia. *Que raio de história!*. Ilust. Mariana Massarani. 6. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

A obra *Que raio de história!*, de Sylvia Orthof, narra a divertida história de Lua Luna e Dona Noite que, por medo da chuva, brigam disputando um guarda-chuva. É necessário que "um vento inventado" apareça para acalmar os ânimos das duas "senhoras celestiais".

Possuidora de uma linguagem simples e musical, esta narrativa atrai o leitor, seja ele criança ou adulto, não só pelo jogo com as palavras, pela brincadeira, mas também por seu caráter lúdico e